



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Máximo Pimenta, Carlos Alberto

É possível pensarmos em uma teoria latino-americana sobre pós-modernidade?

Ciências Sociais Unisinos, vol. 44, núm. 3, septiembre-diciembre, 2008, pp. 225-228

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93813078007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## É possível pensarmos em uma teoria latino-americana sobre pós-modernidade?

Is a Latin-American theory about post-modernity possible?

Carlos Alberto Máximo Pimenta<sup>1</sup>  
carlosalbertopimenta@gmail.com

Desde muito venho refletindo a respeito da necessidade de se constituir um campo teórico sobre a América Latina, a partir de questões e teorizações latinas. Para não ser injusto, registro a existência de inúmeros autores, importantes às Ciências Sociais, que fazem esse movimento, mas embasados em esquemas epistemológicos europeus e dentro de um determinado contexto histórico-político<sup>2</sup>.

A leitura de *Paisagens da pós-modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina*, escrito por Carlos A. Gadea (2007), vitalizou essa inquietação adormecida e trouxe uma série de pistas reveladoras, *paisagens* para ser mais assertivo, no que diz respeito à atual realidade latino-americana. O autor se propõe a recolocar as discussões e temas que o debate dos anos 90, sobre *pós-modernidade*, trouxe com o objetivo de "capturar o que está se pensando a partir dessa discussão, e que novas questões estão em jogo quando se procura definir uma suposta condição sociocultural pós-moderna" (Gadea, 2007, p. 12). Dessa pretensão observa-se o quanto de ecletismo teórico se emprega na elaboração textual e o domínio na produção de um certo campo teórico de abordagem sobre o cotidiano.

Esse domínio fica explícito quando se lê, ainda na introdução do livro, a preocupação do autor em apontar um caminho interpretativo à compreensão da "geléia"<sup>3</sup> sociocultural, política e econômica que experimentamos na América Latina. A proposta circunscreve-se em dois traçados que demarcam sua estratégia de argumentações: (i) promove uma idéia geral sobre o debate teórico a respeito de modernidade e pós-modernidade, bem como seus impactos no contexto intelectual; (ii) enfrenta, empiricamente, os desdobramentos dessa realidade na sociabilidade, cultura e política latino-americana.

Importante frisar que é dentro dessa estratégia teórico-empírica que o autor consegue, com maestria, reunir teorias demarcadamente distintas para dar conta das

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP; professor do PPGA Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, SP.

<sup>2</sup> Gadea (2007, p. 105) também aponta esse aspecto em seu livro.

<sup>3</sup> Penso no termo "geléia" para fazer inferência às tendências de afrouxamentos ideológicos, teóricos, conceituais, como um campo incerto de ações, de toda ordem, que parece permear as relações nas sociedades contemporâneas.

"paisagens da pós-modernidade". Todo esse movimento intelectual se explica, somente, do ponto de vista das novas formas de produção de conhecimento pelas Ciências Sociais, no momento em que as vigilâncias disciplinares se afrouxam e, com elas, se abrem perspectivas interessantes para a reflexão dos preocupantes problemas da atualidade<sup>4</sup>, permeando desde temas como identidade, constituição imaginária, mitos, violência até instituições e institucionalizações de políticas sociais, cuja ênfase recai sobre as ações e as práticas dos movimentos sociais.

Conhecedor dessas nuances, apresenta um conjunto de paisagens intermediadas em três eixos que convergem: *cultura*, *política* e *sociabilidade*. E, ao se inscrever na *sociologia do conflito* e problematizar suas preocupações científicas às práticas dos movimentos sociais, vejo a influência de Ilse Scherer-Warren (1993), em especial no livro "Rede de movimentos sociais", na formação do autor.

Vejo, também, a independência de Gadea com relação a Scherer-Warren, principalmente na avaliação de suas escolhas teóricas e caminhos de análise dos dados selecionados. Essa afirmação ganha força quando o autor sustenta ser possível, dentro da centralidade de sua tese (Gadea, 2007, p. 13), nas sugestões sociológicas de Georg Simmel (1977, 1979), em que pese estabelecer diálogos com uma infinidade de autores, para "capturar a fugacidade da vida social herdeira do 'impressionismo sociológico' simmeliano". Para esse encontro de cenários socioculturais complexos dá o nome de "paisagens sociológicas". Indica, de sua perspectiva, que

*[...] toda uma aventura sociológica e filosófica que se origina no pragmatismo e em Simmel, que adquire conteúdos complementares na teoria da interação simbólica e a etnometodologia, nos trabalhos de Schütz e no pós-estruturalismo resultam ser antecedentes imediatos que o pós-moderno traz à tona* (Gadea, 2007, p. 14).

Pois bem! A academia impõe ao pesquisador algumas trajetórias epistemológicas e escolhas teóricas que deixam as pegadas de suas tendências ou postulações. No caso, outras adjetivações que não as de "hibridismo", "interacionismo" ou "relacionismo" seriam injustificáveis à obra de Carlos A. Gadea, porém, tais adjetivações trazem consigo inúmeras possibilidades de entendimento sobre os problemas *latinos*, de pouca visibilidade às teorias mais fechadas ou reduzidas, a um campo determinado de análise. Por outro lado, esses adjetivos não são mais tratáveis como uma crítica propriamente dita, tendo em vista que os novos tempos conclamam posturas mais abertas que enxerguem horizontes mais alargados.

É nesse alargamento que o autor se arrisca satisfatoriamente a enfrentar em seu objeto de estudo um terreno arenoso e ainda bastante pueril às Ciências Sociais, mesmo com o acúmulo

de discussões a respeito das mudanças de paradigmas nas últimas três décadas<sup>5</sup>. Mais um mérito ao esforço de Gadea.

É notório a todos, inclusive ao senso comum, que experimentamos em escala mundial modificações radicais, frutos das "revoluções" tecnológicas e informacionais, que agregam significados e sentidos à vida nunca antes sequer imaginados ao social, à cultura, à política, à economia, ao homem. Sabe-se que a América Latina ganhou pouca autonomia perante os países desenvolvidos, no que se refere ao desenvolvimento sem dependências, uma vez que não detém para si tecnologias e inteligências informacionais com capacidade de superar suas demandas históricas internas. Como conseqüência, os problemas da América Latina são muito mais complicados de resolução e de entendimento do que das sociedades européias ou daquelas com forte apelo nas tradições.

Uma questão complicada com cujo enfrentamento o autor se compromete é o conceito-definição de "pós-modernidade". Observa-se que há um esmero eclético de sua parte para situar intermediado em diálogos teóricos (Gadea, 2007, p. 23-100), o seu entendimento do que venha a ser "pós-modernidade", especificamente na América Latina. Comungo com a idéia de que experimentamos tempos de mudanças significativas, mas o que Carlos A. Gadea chama, apoiado em diversas teorias e teóricos das Ciências Sociais, de "pós-modernidade" pode ser denominado em outros autores de "supermodernidade" (Augé, 1994) ou "conseqüências da modernidade" (Giddens, 1991).

Para Marc Augé, a contemporaneidade se traduz em superabundâncias e excessos resultantes das contundentes transformações na noção de tempo, espaço e indivíduo que se descortinam por meio de um mundo provisório, efêmero, de solidão, transitório factual, nunca como oposição à modernidade, mesmo se esta for traduzida como escape ou perda.

Em Giddens (1991, p. 11), a modernidade se define como sendo um "[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência". Este autor entende que esse movimento ainda não produziu seu fechamento e indica, por uma melhor localização desses acontecimentos, que

*[...] temos que olhar novamente para a natureza da própria modernidade a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas Ciências Sociais. Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente que é "pós-moderna"; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de "pós-modernidade"* (Giddens, 1991, p. 12-13).

<sup>4</sup> Alguns desses problemas preocupantes são apontados por Gadea, cujo olhar às questões que suscita é bastante instigante.

<sup>5</sup> Como partida, faço referência ao texto de Boaventura de Sousa Santos (2001), cuja avaliação dessas mudanças foi elaborada na década de 80.

Parece exagero de minha parte ou excesso de zelo, mas a definição de "pós-modernidade" pressupõe uma passagem definitiva ou ruptura com a modernidade, caracterizada por um "novo tempo", outras relações e roupagens<sup>6</sup>, o que não parece ser o caso dos países "desenvolvidos", o que dirá aqueles "em desenvolvimento".

Implica dizer, sobremaneira, se levadas ao extremo essas inferências, no caso da América Latina, que não houve rompimentos sequer com as resultantes das relações coloniais, inclusive, porque não se contemplaram as exigências políticas, econômicas e socioculturais contidas na modernidade, quer seja pelo viés das revoluções industriais e francesas, quer seja pela idéia de civilização contida nesse processo<sup>7</sup>. Portanto, é na opção desses caminhos teóricos (Augé e Giddens) que entendo ser prematura a afirmativa, contumaz, de termos ultrapassado a "modernidade"<sup>8</sup>.

Embora minha discordância fique aparente, reconheço que a preposição de Carlos A. Gadea, a de interpretar a realidade social por intermédio das paisagens, só adquire sentido diante de uma construção (ou elaboração teórica) mais aberta, vezes até descomprometida com os processos legítimos de superação de determinados modos de dominação, em especial com aquele que permita ver a dinâmica dos novos acontecimentos.

Esse esforço cognitivo abre *miradas* teórico-metodológicas outras para se compreender as relações no universo do "micro", com o qual estabelece um marco à revisão dos trajetos que produziram verdades absolutas, no campo das Ciências Sociais, presentes nas metas narrativas (ou totalizadoras), resultantes das posturas teóricas materialistas centradas na estrutura de produção econômica.

Em outros termos, da perspectiva de uma teoria da cultura, uma leitura de Raymond Williams<sup>9</sup> talvez nos seja mais útil, com as devidas atualizações e contextualizações, para que possamos enxergar de forma menos *miópe* a realidade latino-americana, uma vez pelo fato de que a palavra cultura "[...] traz nas suas extensões e ambigüidades a história de disputas em torno da fixação de seu sentido para cumprir determinada função social" (cf. Cevasco, 2001, p. 46-47). Inclusive engloba as concepções de "um modo de luta", "alta cultura" e "cultura comum", além da noção clássica de cultura como um modo de vida. Em Williams, pode-se dizer que a cultura é resultado da experiência ordinária e já está dada no nosso modo de vida. Portanto, a cultura é de todos<sup>10</sup>.

A "pós-modernidade" nos coloca em uma encruzilhada de difícil acesso. Não dá para pensarmos em uma teoria latino-americana autônoma, ou que dê conta de nossas realidades específicas, sem realizarmos as passagens obrigatórias da Idade Média à Modernidade e da Modernidade aos tempos tecnológicos e informacionais, bem como, mesmo que contraditório, afastarmos-nos delas para observarmos nossas especificidades. Ao meu ver, os problemas e as demandas sociais latentes na América Latina estão sem perder de horizonte as tendências mundiais, imbricadas com as nossas formas de sociabilidade, com o autoritarismo, com as cordialidades raciais, com a sublimação volitiva dos mais fracos com o relativismo, com a transferência das explicações histórico-culturais às econômicas para lidarmos com as questões de diferença, produzindo ausência de compromisso com o homem simples e com a democracia, elementos indispensáveis à emancipação, à autonomia e à reflexão sobre as questões de latinidade.

Salutar a posição de Gadea (2007, p. 118), ao apropriar-se das análises de Brunner, para explicitar que

*o pós-moderno não pode ser definido em relação "à auto-compreensão europeia da modernidade", a uma conseguinte formulação de seus problemas, conquistas, instituições e valores como produtos de uma modernização e de práticas culturais injetadas a partir de "um exterior" concreto.*

Por essa perspectiva, digo que há no campo da cultura, do político, do social, do simbólico, do econômico, da lógica de circulação e do uso do espaço, do sistema socioprodutivo, da formação humana um conjunto de ações, o que denomino de *força moral reacionária*, que não deve ser desprezada, pois reescreve: modos disciplinares; instrumentalizações; exclusões; classificações; desclassificações; reclassificações; concepções de indivíduo, de sujeito e de movimentos sociais; formas hierárquicas etc.

Ao fazer uma reflexão sobre o estado de São Paulo, realidade de minhas observações empíricas<sup>11</sup>, dentro desse contexto fica evidente o quanto esses novos tempos estão maculados por ações públicas e privadas constituídas por essa *força moral reacionária*. A título de ilustração, ela aparece na *prática policial* principalmente quando a intervenção recai sobre determinados grupos de pessoas, estas em situação de vulnerabilidade social nas *agências de comunicação de massa*, no tratamento das

<sup>6</sup> Cabe esclarecer que essa conclusão com a qual convirjo não se isenta de equívocos.

<sup>7</sup> Essa afirmação pode ser considerada utrapassada, mas a retiro de vozes expressivas que não devem ser desprezadas. Nesse sentido ver: Ianni (1994) e Wanderley (1997).

<sup>8</sup> Não me cabe aqui discutir as escolhas do autor, muito menos formular um conceito sobre "modernidade" ou "coisa", no sentido dorkheimiano do termo, que o valha, uma vez que a pretensão do texto se circunscreve ao diálogo único e exclusivo com a obra em questão.

<sup>9</sup> Penso em Raymond Williams na leitura das seguintes obras: *Palavras-chave* (2007); *Cultura* (2000); e *Marxismo e literatura* (1979).

<sup>10</sup> No processo de fixação da cultura não há, ingenuamente falando, movimentos interacionistas, mesmo porque a criatividade humana é, a todo instante, mediada pela cultura, o que faz com que a criatividade não seja um processo excepcional, "mas o produto de toda uma sociedade", segundo Williams (2007).

<sup>11</sup> Pesquisei temas como: violência entre torcidas, sonho e expectativa de futuro da juventude, manifestações e expressões juvenis, violências escolares, políticas públicas culturais, dentre outros, tendo como universo de dados a cidade de São Paulo e/ou o Vale do Paraíba paulista. Portanto, nem sempre os resultados das pesquisas têm aplicabilidade às demais regiões do Brasil.

demandas enfrentadas pelos movimentos sociais, *nas instâncias de decisão e de poder*, inviabilizando a possibilidade de manifestações autônomas, emancipatórias ou que permitam ao sujeito ser sujeito de seus destinos e da sua história, *no processo didático-pedagógico*, fundamentalmente no uso instrumental da formação ao trabalho e ao mercado, visivelmente limitado às competências e às habilidades funcionais, esvaziando possibilidades coletivas e politizadoras de maior alcance, *no fortalecimento de uma cultura superior em detrimento de manifestações culturais do "homem simples"*, presente nas escalas sociais hierárquicas e históricas, manifestamente formadas por um campo promíscuo de *violências simbólicas*<sup>12</sup>, por meio de imposições de arbitrários culturais.

Por tudo o que foi exposto, continuo na "crença", reconhecendo todo o mérito de Gadea, que: (i) não chegamos à "pós-modernidade"; (ii) ainda é complicado às Ciências Sociais, quanto mais aos intelectuais latinos, conceituar "pós-modernidade"; (iii) continuamos, mesmo com avanços, dependentes de teóricos e teorias colonizadoras; (iv) não dá para optarmos por caminhos teórico-metodológicos relativizantes ou interacionistas, desconhecendo aspectos culturais e históricos da América Latina que dão pouco espaço às práticas não autoritárias e democráticas, em perspectivas mais abrangentes do que um mero voto ou delegações.

Acrescento que mais um mérito do livro de Gadea, dentre outros méritos implicados no transcurso destes comentários, foi a capacidade do autor em suscitar questionamentos para além de teorias reducionistas, vezes na defesa da superação da exploração, vezes na valorização das liberdades, isso sem perder de "mirada" os rumos contemporâneos da América Latina.

Contudo, em que pese nossas divergências e convergências, diante das novas configurações e jogos de dependências em escala mundial, continuo entendendo não ser possível pensarmos em

uma teoria latino-americana sobre a "pós-modernidade", mesmo porque, não temos o domínio autônomo das tecnologias e da produção, livre, de novas formas de conhecimento.

## Referências

- AUGÉ, M. 1994. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 3ª ed., Campinas, Papirus, 111 p.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. 1982. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 280 p.
- CEVASCO, M.E. 2001. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo, Paz e Terra, 300 p.
- GADEA, C.A. 2007. *Paisagens da pós-modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina*. Itajaí, UNIVALI, 206 p.
- GIDDENS, A. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 180 p.
- IANNI, O. 1994. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo, Brasiliense, 180 p.
- SCHERER-WARREN, I. 1993. *Rede de movimentos sociais*. São Paulo, Loyola, 143 p.
- SIMMEL, G. 1977. *Sociologia: Estudios sobre las formas de socialización*. Madrid, Revista de Occidente, p. 610-627.
- SIMMEL, G. 1979. A metrópole e a vida mental. In: O. VELHO (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 11-25.
- SOUSA SANTOS, B. de. 2001. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Edições Afrontamento, 59 p.
- WANDERLEY, L.E. 1997. A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In: L. BÓGUS; M.C. YAZBEK; M.B. WANDERLEY (org.), *Desigualdade e a questão social*. São Paulo, Educa, p. 49-159.
- WILLIAMS, R. 1979. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 215 p.
- WILLIAMS, R. 2000. *Cultura*. 2ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 240 p.
- WILLIAMS, R. 2007. *Palavras-chave*. São Paulo, Boitempo, 464 p.

Submetido em: 26/07/2008

Aceito em: 23/09/2008

<sup>12</sup> A referência sobre "violência simbólica" é em Bourdieu e Passeron (1982).